

INVENTANDO *DESPROPÓSITOS* COM MANOEL DE BARROS: entremeando arte e literatura no ensino fundamental

Jailson dos Santos Valentim ¹

Nadia da Cruz Senna ²

André Winter Noble³

Joelma Santos Castilhos ⁴

Centro de Artes - Universidade Federal de Pelotas/UFPel

Resumo: Este texto analisa a contribuição de Manoel de Barros para o ensino do desenho nas séries iniciais, através dos desdobramentos projetados com base na obra **O Exercício de Ser Criança**, aplicados em uma escola pública de Pelotas/RS. **Liberdade Caça Jeito: desenhando com Manoel de Barros no Ensino Fundamental** constituiu uma das ações propostas pelo projeto de ensino, pesquisa e extensão **Experienciando o Desenho**, implantado junto a Escola desde 2010. A atividade foi desenvolvida durante o primeiro semestre de 2011, em atendimento as demandas da própria escola, que propunha práticas interdisciplinares entre o ensino da arte e as demais disciplinas do currículo. A metodologia de abordagem consistiu na apresentação de aspectos diferenciados da obra de Barros, visando despertar o interesse do educando, para na sequência, estimular sua expressão poética por meio de atividades artísticas, discursivas e exploratórias. O potencial imagético e poético da obra foi trabalhado através da leitura das imagens, contextualização e conhecimento do processo criativo desse autor. A fundamentação teórica com ênfase no ensino da arte e do desenho compreende as pesquisas de Derdyk(2008), Iavelberg(2008), Freire(1996), Martins(2009) e Meira(2010). As relações com a literatura foram exploradas a partir da obra do próprio Manoel de Barros, Ezequiel Silva, Júlio Galharte e Márcio Silva.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; poesia; arte-educação.

Criando peixes no bolso: contextualizando a ação

A atividade “**Liberdade Caça Jeito: desenhando com Manoel de Barros no Ensino Fundamental**” consistiu em um desdobramento do projeto de ensino, pesquisa e extensão **Experienciando o Desenho**, em andamento desde 2010. Essa ação foi desenvolvida durante o primeiro semestre de 2011 em uma escola pública de Pelotas/RS e atendeu crianças de classes populares, com idade entre 10 e 14 anos que cursavam o quarto ano das séries iniciais.

Esse projeto foi criado a partir da parceria estabelecida entre a Escola e a Universidade, propondo um espaço de permanente diálogo para a troca de saberes

¹Acadêmico do curso de Artes Visuais – Licenciatura, bolsista extensão PROEXT/UFPel. valentim8@yahoo.com.br

² Professora Adjunta do Centro de Artes/Doutora em Ciências da Comunicação/Coordenadora do Projeto Experienciando o Desenho, Coordenadora do programa Arte, Inclusão e Cidadania, PROEXT/2011.

³ Acadêmico do curso de Artes Visuais – Licenciatura, bolsista PET Artes Visuais/UFPel.

⁴ Pedagoga pela UFRGS, especialista em Educação Infantil pela UFPel, professora da rede pública de ensino.

e experiências, permitindo que discentes do curso de Artes Visuais pudessem vivenciar práticas educativas e atuar diretamente na comunidade. Experienciando o Desenho tem como premissa a construção do conhecimento por meio da valorização dos indivíduos e da cultura, segundo práticas artísticas embasadas no acolhimento, no lúdico, no compartilhamento das diferenças e na promoção do reencantamento de mundo. Os resultados positivos, obtidos nos anos anteriores, estabeleceram novos parâmetros e demandas de atuação. A própria escola solicitou que as ações fossem interdisciplinares, diante do crescimento pessoal e acadêmico, desenvolvido pelos participantes.

Assim, propomos uma prática focada no entremear de duas linguagens – arte e literatura. Para estabelecer a interlocução com a arte, selecionamos a obra de Manoel de Barros, mantendo a mesma metodologia de abordagem, centrada no espírito investigativo, na cooperação e na afetividade. A obra **O Exercício de Ser Criança** foi o ponto de partida para pensar em desdobramentos artísticos e em possibilidades de diálogos com outras disciplinas do currículo escolar.

Em entrevista a Marcelo Costa⁵, Manoel de Barros afirma que a criança tem uma pré-disposição para a poesia e que ela vive ao ponto de poema. Esse é o postulado que justifica a nossa escolha e fundamenta a proposta de trabalho em torno desse autor e de sua poesia. Para o poeta, a criança ainda não sabe o comportamento das coisas, por isso é tão inventiva. Ela pode botar aflição nas pedras, pois não sabe que as pedras são inanimadas ou que os peixes não dão flores.

A proposta foi desenvolvida com a participação da professora do currículo em todas as fases da ação: planejamento, observação e sondagem do grupo, construção do programa de necessidades, execução, avaliação e discussão dos resultados parciais. O desafio maior da proposta era capacitar o grupo para a leitura de textos, já que boa parte era inapta, embora frequentassem o 4º ano do ensino fundamental. Também a falta de espaço físico adequado para o desenvolvimento das aulas práticas, impôs dificuldades, exigindo alterações de percurso.

⁵ Marcelo Costa é editor do Scream&Yell, texto disponível em: http://www.screamyell.com.br/pms_cnts/manoeldebarros.htm

Para evidenciar o potencial imagético e poético da obra de Manoel de Barros, consideramos a leitura exploratória e lúdica, os paratextos⁶, o processo criativo e a biografia do autor. O material coletado subsidiava as atividades propostas e instigava novas ações partindo da experiência individual e ou grupal.

Para Barros (2009, p.21), “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul – que nem criança que você olha de ave.” A perspectiva do sujeito poético norteou a opção pela leitura exploratória, capaz de suscitar múltiplas possibilidades de entendimento e fruição da obra literária, enquanto que o empenho do grupo proponente foi desviar-se de leituras prontas e abordagens condicionadas a um único viés.

O título do projeto foi inspirado em um dos seus poemas, “Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito” (BARROS, 2001, p.35 e 32). Caçar jeito é uma prática conhecida da maioria das crianças participantes do projeto, pois são de classes populares e conhecem de perto as dificuldades de andar no trilho do “trem de ferro”.

Liberdade caça jeito sugere trânsito, movimento, experimentação, escolha. Inclusive, andar na contramão, para arejar os ouvidos e as vistas de todos, para que possam “experimentar o gozo de criar. Experimentar o gozo de Deus” (BARROS, 2002, p. 21). A proposta foi desenhada visando atender os parâmetros curriculares para o ensino/aprendizagem de arte, desenvolvendo um programa de atividades adequado às necessidades do grupo, que motiva e inspira a busca pelo saber e encantamento, enquanto é capaz de contribuir efetivamente para o fortalecimento da consciência criadora do aluno (PCNs, p.50).

A tese *Despalavras de Efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros*⁷, de Júlio Augusto Xavier Galharte, forneceu a fundamentação para as ações interdisciplinares, pois o pesquisador aproxima a obra de Barros de outras obras literárias, artísticas e cinematográficas. Galharte faz uma análise preciosa dos desenhos feitos pelo próprio Manoel, presentes na obra “O Livro das Ignorâncias” (1993), evidenciando o lado fantasioso e humorístico do poeta cuiabano. Assim,

⁶ Elementos que estão para além do texto. São informações que acompanham uma obra e que contribuem para a motivação da sua aquisição ou leitura. Os seus elementos constituintes (título, prefácio, nome de autor, epígrafe, notas de rodapé, contracapa, entre outros) têm funções variáveis, mas todos são mediadores entre o texto e o leitor, podendo influenciar a leitura e a recepção do texto.

⁷ Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas /USP - 2007.

precisávamos compreender o poeta, o desenhista, o humorista, o sujeito livre e inventivo que é Manoel de Barros, para desenvolver a prática em sala de aula.

Para dar conta dos conteúdos que comparecem na poesia manoelina, nos amparamos em Ezequiel Theodoro da Silva, *A Produção da Leitura na Escola: pesquisas x propostas*, de 1995. O estudo forneceu os subsídios para compreensão dos conteúdos e dos processos de aprendizado e amadurecimento da leitura de textos na sala de aula. Silva considera a leitura como sendo um processo capaz de dinamizar a produção de sentidos por um grupo de pessoas, ao mesmo tempo em que promove a interação entre o leitor e diferentes tipos de textos, consolidando sua proficiência.

Essa concepção ampliada da leitura e do educar apoia-se em Paulo Freire, que concebe a prática pedagógica como compartilhamento: “um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (FREIRE, 1996, p.54). Silva (1995) compreende o ato pedagógico baseado no diálogo entre professor e aluno, contemplando diferenças e multiplicidades culturais, bem como, novos jeitos de aprender e produzir conhecimento. Leitura é importante, mas não é tudo, afirma, enquanto convida o educador a construir, imediatamente, uma atmosfera de interlocução no contexto escolar, de modo que

as atividades de ler não ofusquem as atividades de falar, discutir, contar, debater, ouvir, escrever, etc. Atividades que, frontalmente e a passos largos, podem destruir a pedagogia do silêncio em nossas escolas e permitir que as vozes dos sujeitos estudantes possam ser cruzadas, intercambiadas em esquemas de comunicação autêntica, menos artificiais, postigos, conservadores e autoritários (SILVA, 1995, p.14).

Silva (1995) também ressalta a necessidade de entender essa percepção de leitura em programas de ensino que sejam significativos para o educando, capazes de resultar “na transformação, emancipação e libertação dos leitores” (op. cit. p.13).

Vivenciar uma experiência significativa em arte requer estudo, planejamento, escolha. Deste modo, resgatamos a contribuição dos autores que fundamentam nossa prática em arte/educação para planejar as ações, afinar ideias e selecionar estratégias. Miriam Celeste (MARTINS, et al 2009) pela visão integradora e desafiante da arte como propulsora do conhecimento. As reflexões de Marly Meira e Silvia Pilloto em torno da arte e do afeto, delineando o desenvolvimento emocional e suas repercussões no processo educacional. Edith Derdyk e Rosa Iavelberg com

suas investigações a respeito do grafismo infantil, o desenho da ideia, o desenho fantasioso e o desenho em autores específicos, como Klee, Van Gogh e Picasso, pelas referências e aproximações, presentes na obra do poeta.

Atravessando rio inventado na prática de sala de aula

O programa de atividades foi traçado para percorrer um caminho prazeroso, inventivo e lúdico. As ações propunham desde a investigação pura e simples, ao exercício da fantasia, elucubrações mentais e discursivas até as apropriações de inutilidades e oficinas de magia. Recursos orquestrados para aproximar as crianças do processo criativo de Manoel de Barros e promover o conhecimento do autor, da sua obra, enfim, da arte e da cultura. A ação teve desdobramentos em outras disciplinas do currículo possibilitando aos educandos uma vivência integradora, comprometida com a produção de conhecimento plural e significativo.

O trabalho começou com a apresentação do poeta às crianças, através de imagens, textos selecionados e uma breve biografia. No momento seguinte, a exuberância do pantanal matogrossense se impôs. A riqueza dessa biodiversidade exerce verdadeiro fascínio em crianças e adultos. A fauna e a flora da região pantaneira foram investigadas e exploradas em produções textuais e plásticas. Surgiram poesias, redações, desenhos e pinturas explorando suportes, materiais e técnicas diferenciadas. Esse fazer se revelou muito sedutor e impulsionou o grupo para outras explorações.

Nas aulas de Ciências foram feitos exercícios para descobrir e coletar o que havia em baixo de nossos pés – “o universo do chão”, conforme apontado pelo poeta. Buscamos os caminhos das aranhas. Tentamos encontrar as minhocas e estudar sua importância. Perseguimos pulgas, piolhos e outros seres ínfimos, para desenhar e pintar com as cores das borboletas e colibris nas aulas de artes. A produção artística incentivou discussões a cerca do meio ambiente, biodiversidade e sustentabilidade.

Viajamos pela história do pantanal. Descobrimos bichos da terra e da água – Como tem água no pantanal! Entramos em contato com o orvalho matinal das estações coloridas, onde nuances vibrantes se acumulam em existências efêmeras. A aventura pelo Mato Grosso do Sul fez o grupo descobrir cidades, como Corumbá e Campo Grande, tão distantes e diferentes de Pelotas, seja em termos de clima,

cultura ou população. Descobrimos que o estado do Manoel faz fronteira com a Bolívia, lá tem índio Guató; e mais, os índios de lá, tem hábitos e costumes distintos dos daqui.

A proposta contou com a adesão inicial das crianças, porém as contribuições eram tímidas, reticentes às vezes; na medida em que o curso avançava, o “grande livro do conhecimento” se constituía gestado por eles próprios. O objeto concreto foi construído artesanalmente, fraternamente (tal qual o primeiro livro do poeta) a partir da encadernação da produção artística e textual do grupo. Esse “livro” dava visibilidade da participação de cada um na sua feitura, o que originou grande satisfação e orgulho pessoal. Também foi instigante a ponto de motivar o grupo para empreender novas pesquisas, propor temas e atividades de seu interesse.

A interlocução das artes visuais com a literatura de Manoel de Barros transformou a sala de aula em um ateliê de criação e experimentação poética, compreendendo a produção textual e imagética. Essa oficina de fantasia e magia proporcionou prazer e encantamento para todos os envolvidos, sendo “obrigatório” apenas soltar a imaginação e voar com os despropósitos de Barros. Buscamos a inventividade, enchemos os olhos com as imagens narradas e os ouvidos com sonoridades e silêncios. Inventamos significados, procuramos pela pureza das palavras e das coisas, e ainda, como se constrói uma “despalavra”, livre das contaminações do vocabulário. Reconstruímos ditados populares, plenos de humor e nonsense. Privilegiamos o exercício da narrativa a partir do coletivo, da oralidade, do refinamento dos sentidos da escuta e do ver.

A economia de objetos e a valoração das coisas miúdas e ínfimas, conforme comparecem na obra do poeta, foram abordadas em forma de prosa, poética e ciência. A ambiguidade das imagens sob influência da vanguarda modernista, (surrealistas, cubistas, e outros visionários) e as aproximações do processo criativo de Manoel de Barros com o de Paul Klee e Picasso, foram exploradas no ateliê de artes plásticas. Investimos no desenho do fantástico, em ilustrações para as poesias e nos encontros inusitados que a colagem proporciona.

A produção artística foi armazenada sob a forma de um grande livro, composto de vários cadernos, com trabalhos de todos os participantes e a devida assinatura na primeira página do “livro”. Esses cadernos fizeram parte de uma mostra didática realizada na sala de aula, para os demais colegas da escola, onde

as próprias crianças mediaram a visitação, mostrando e explicando o processo vivenciado. A realização e felicidade das crianças com a produção contagiou a todos.

Desconsiderações a respeito da peraltagem

“*Liberdade Caça Jeito*: desenhando com Manoel de Barros no Ensino Fundamental” possibilitou uma incursão pelo universo da poesia inventiva, aproximando a arte às demais disciplinas do currículo escolar. Essa concepção interdisciplinar exigiu preparo e fundamentação para atuar com conteúdos relacionados, evidenciando o quanto essa prática pedagógica demanda esforço e integração por parte de todos os envolvidos.

Os resultados alcançados comprovaram o acerto das estratégias adotadas. A ação focada no processo inventivo do poeta constituiu um fator de sedução, inspirador de debates e incursões para outras áreas do conhecimento. Seu amor à natureza, às coisas simples e miúdas, as proposições em torno de relações inusitadas, porém afetivas, e o convite permanente a olhar o mundo com outros olhos faz da obra de Manoel de Barros um agente valoroso para a educação. Principalmente, para uma educação concebida como um processo maior que a aquisição de saberes, interessada na produção de subjetividades, na proposição de ressignificações e reinvenção de si e de mundo.

A experiência vivenciada colocou em pauta questões pertinentes à prática pedagógica: sobre como lidar com imprevisibilidades, como abordar dificuldades e necessidades, sejam de ordem física ou pessoal, para efetivar as ações, e ainda, como equilibrar os parâmetros liberdade/concentração para que a aprendizagem da sensibilidade se instaurasse de fato. Tudo isso implicou em revisão de conceitos, investigação de modelos teóricos acerca dos processos cognitivos e formação interdisciplinar, contribuindo para a qualificação do grupo por inteiro. Professores e graduandos também se reinventaram no processo, percebendo que não existem soluções infalíveis, nem únicas, onde “uma didática da invenção” compreende o inacabado, uma vez que “Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios” (BARROS, 2009).

Referências:

BARROS, M. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____ *Gramática expositiva do chão*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999

_____ *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2009

_____ *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho*. Editora Scipione. São Paulo, 1988.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLARTE, J A. X. *Despalavras de efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros*. Tese defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, sob orientação da Profa. Dra. Aurora Fornoni, São Paulo, 2007.

IAVELBERG, R. *O Desenho Cultivado da Criança: prática e formação de educadores*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

MARTINS, M. C. et al. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2009.

MEIRA, Marly e PILLOTTO, Silvia. *Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SILVA, E. T. *A Produção da Leitura na Escola: pesquisas x propostas*. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA. M. S. *Manoel de Barros, o poeta do devir*. e-escrita. Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v. I, Número 1, jan.- abr. 2010.

Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Documentário, de Pedro Cezar (Brasil, 2008, 82 min.).

Entrevista com Manoel de Barros concedida a Marcelo Costa. disponível em <http://www.screamyell.com.br/pms_cnts/manoeldebarros.htm> acessado no dia 18/12/2012).